

*Um grande amor vale anos de espera*

# NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS ~ 3

## *Bem-casados*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para meu irmão Jim,  
o doceiro da família

Eu canto os riachos, os botões, pássaros e  
caramanchões;  
As flores de abril, maio, junho e julho,  
Eu canto os mastros com fitas, romarias, festividades  
e orgias,  
Os noivos, as noivas e os seus bolos de casamento.  
– ROBERT HERRICK

Na verdade, pergunto-me, o que tu e eu fizemos  
Até nos amarmos?  
– DONNE

## p r ó l o g o

QUANDO O ÚLTIMO ANO do ensino médio chegava ao fim, Laurel McBane se deu conta de um fato incontestável.

O baile de formatura era um inferno.

Durante semanas todos só falavam de quem poderia convidar quem, quem realmente tinha convidado quem – e quem tinha convidado o quem alheio, provocando tristeza e histeria.

Na opinião dela, na época do baile as garotas sofriam da agonia do suspense e de uma passividade constrangedora. Os corredores, as salas de aula e o pátio eram tomados por emoções que iam da euforia causada pelo convite feito por determinado rapaz a lágrimas amargas pela ausência de convite de outro.

Tudo girava em torno de “um cara”, algo que Laurel considerava estúpido e desmoralizante.

E depois a histeria continuava, intensificando-se pela busca de vestido e sapatos e a discussão febril sobre o uso dos cabelos presos ou soltos. Limusines, festas pós-baile, suítes de hotel – e o sim, não ou talvez do sexo.

Laurel teria ignorado tudo isso se suas amigas, especialmente Parker Brown, não tivessem se unido contra ela.

Agora sua poupança – todo o dinheiro recebido em incontáveis horas trabalhando como garçonete – sofrera uma baixa considerável por causa do saque para comprar um vestido que ela provavelmente nunca mais usaria, os sapatos, a bolsa e todo o resto.

Também podia culpar as amigas por isso. Tinha sido arrastada às compras por Parker, Emmaline e Mackensie, e gastara mais do que deveria.

A ideia que Emma sugerira, de pedir dinheiro aos pais para o vestido, não era, na opinião de Laurel, uma opção. Podia ser uma questão de orgulho, mas as finanças tinham se tornado um assunto muito delicado na família McBane desde o fiasco dos investimentos de risco do pai e o pequeno problema da auditoria da Receita Federal.

Não pediria nada a nenhum dos dois. Ganhava o próprio dinheiro havia muitos anos.

Disse a si mesma que aquilo não importava. Não tinha chegado nem perto de economizar o suficiente para as mensalidades do Instituto de Culinária ou suas despesas em Nova York, apesar do tempo que passara no restaurante depois da escola e nos fins de semana. O preço de ficar linda por uma noite não mudava nada disso – e, nossa, ela realmente estava linda.

Ajeitou os brincos enquanto, do outro lado do quarto, Parker e Emma testavam penteados em Mac, que cortara os cabelos em um ato impulsivo que lembrou a Laurel a travessia do rio Rubicão por Júlio César. Elas experimentaram grampos, spray com *glitter* e presilhas decoradas no que tinha restado dos fios ruivos de Mac enquanto as três falavam sem parar ao som de Aerosmith.

Laurel gostava de ouvi-las assim, quando estava um pouco à parte. Talvez especialmente quando se sentia um pouco à parte. Tinham sido amigas a vida toda e agora – com ou sem rito de passagem – as coisas estavam mudando. No outono, Parker e Emma iriam para a universidade, e Mac ficaria trabalhando e estudando fotografia.

Com o fim do sonho de cursar o Instituto de Culinária por motivos financeiros e o mais recente colapso conjugal dos pais, Laurel se conformara em ir para uma faculdade comunitária em regime de meio período. Fazer cursos de negócios, imaginava. Tinha de ser prática. Realista.

Mas não ia pensar nisso agora. Podia muito bem aproveitar o momento, o ritual que Parker, do seu jeito, planejava.

Parker e Emma iriam ao baile de formatura na escola particular em que estudavam, e ela e Mac iriam ao seu na pública, mas elas tinham aquele tempo juntas, para se vestir e se maquiar. Os pais das duas primeiras esperavam lá embaixo, onde haveria fotografias, exclamações de orgulho como “Ah, vejam só as nossas filhas!”, abraços e olhos marejados.

A mãe de Mac era egocêntrica demais para se importar com o baile da filha, o que, considerando o temperamento de Linda, só podia ser uma coisa boa. E os pais de Laurel? Bem, eles estavam concentrados demais nas próprias vidas, nos próprios problemas, para se importarem de saber onde a filha estava ou o que faria naquela noite.

Ela se acostumara a essa atitude. Até mesmo preferira que fosse assim.

– Só os brilhos de fada – decidiu Mac, inclinando a cabeça de um lado para outro para avaliar. – Meio Sininho. No bom sentido.

– Acho que você tem razão. – Parker, com os cabelos castanhos lisos e brilhantes descendo em cascata pelas costas, assentiu com a cabeça. – Despretensioso com um toque de rebeldia. O que acha, Em?

– Acho que precisamos realçar mais os olhos, torná-los mais dramáticos. – Os olhos de Emma, sonhadores e de um castanho profundo, se estreitaram enquanto ela pensava. – Consigo fazer isso.

– Então faça. – Mac deu de ombros. – Mas não demore muito, está bem? Ainda tenho que me preparar para a fotografia da turma.

– Estamos dentro do horário. – Parker olhou para seu relógio. – Ainda temos meia hora antes de... – Ela se virou e viu Laurel. – Nossa, você está linda!

– Uau, está mesmo! – Emma bateu palmas. – Eu *sabia* que o vestido tinha que ser esse. O rosa brilhante realça seus olhos azuis.

– Acho que sim.

– Só está faltando uma coisa. – Parker correu até a cômoda e abriu a gaveta que continha sua caixa de joias. – Esta presilha de cabelo.

Laurel, a garota magra com um vestido cor-de-rosa brilhante, os cabelos clareados pelo sol arrumados em cachos longos e soltos – por insistência de Emma –, deu de ombros.

– Tudo bem.

Parker encostou a presilha nos cabelos de Laurel em ângulos diferentes.

– Anime-se! – ordenou. – Você vai se divertir.

*Por Deus, pare com isso, Laurel!*

– Eu sei. Desculpe. Seria muito mais divertido se nós quatro fôssemos ao mesmo baile, principalmente porque estamos lindas de morrer.

– Sim, seria. – Parker decidiu puxar alguns dos cachos para os lados e prendê-los atrás. – Mas vamos nos encontrar depois e nos divertir muito. Quando tudo acabar, vamos voltar para cá e conversar sobre a noite. Aqui, dê uma olhada.

Ela virou Laurel para o espelho e as garotas avaliaram a própria aparência e a das amigas.

– Eu realmente estou linda – comentou Laurel, fazendo Parker sorrir.

Depois de uma batidinha rápida, a porta se abriu. A Sra. Grady, governanta de longa data dos Browns, pôs as mãos nos quadris para fazer uma inspeção.

– Vocês estão bem – disse ela. – O que era de esperar depois de todo esse

alvorço. Terminem com isso e desçam para as fotos. Você. – Ela apontou o dedo para Laurel. – Precisamos ter uma conversinha, minha jovem.

– O que eu fiz? – perguntou Laurel olhando de uma amiga para outra enquanto a Sra. Grady se afastava a passos largos. – Eu não fiz nada.

Mas, como a palavra da governanta era lei, Laurel correu atrás dela.

Na sala de estar da família, a Sra. G. se virou, de braços cruzados. *Vem sermão aí*, pensou Laurel, com o coração aos pulos, tentando se lembrar de algo que pudesse ter feito para merecer uma repreensão da mulher que, durante toda a adolescência, fora mais mãe para ela do que sua própria mãe.

– Então – começou a Sra. Grady. – Acho que agora todas vocês se consideram adultas.

– Eu...

– Bem, pois não são. Mas estão chegando lá. Vocês quatro andam por aqui sob meus cuidados desde que usavam fraldas. Isso vai mudar um pouco, já que cada uma vai seguir a própria trajetória. Pelo menos por um tempo. Um passarinho me contou que seu caminho é Nova York e aquela faculdade chique de culinária.

O coração de Laurel deu mais um pulo e então ela sentiu uma pontada de tristeza.

– Não, eu... err... vou continuar trabalhando no restaurante e tentar fazer alguns cursos na...

– Não, não vai. – Mais uma vez, a Sra. G. lhe apontou um dedo. – Agora, é melhor uma garota da sua idade em Nova York ser esperta e cuidadosa. E, pelo que eu soube, se você quiser se dar bem naquela faculdade, tem de se esforçar muito. É muito mais do que fazer biscoitos e coberturas bonitas.

– É uma das melhores, mas...

– Então você vai ser uma das melhores. – A Sra. G. enfiou a mão no bolso e entregou um cheque a Laurel. – Isto vai dar para as despesas do primeiro semestre: mensalidades, um lugar decente para morar e comida suficiente para manter seu corpo funcionando. Faça bom uso disto, menina, ou vai se ver comigo. Se fizer o que acho que é capaz de fazer, falaremos sobre o próximo semestre no momento oportuno.

Laurel olhou para o cheque em sua mão, perplexa.

– A senhora não pode... Eu não posso...

– Eu posso e você pode. Está decidido.

– Mas...

– Não acabei de dizer que está decidido? Se você me decepcionar, juro que a coisa vai ficar feia. Parker e Emma estão indo para a faculdade e Mackensie está decidida a se dedicar em tempo integral à fotografia. Seu caminho é outro, portanto o siga. É o que quer, não é?

– Mais do que tudo. – Lágrimas começaram a brotar nos olhos e ela sentiu um nó na garganta. – Sra. G., não sei o que dizer. Vou lhe pagar. Vou...

– É claro que vai. Vai me pagar se tornando alguém na vida. Agora isso depende de você.

Laurel atirou os braços ao redor da governanta.

– A senhora não vai se arrepender. Vou fazê-la sentir orgulho de mim.

– Sei disso. Bem, agora vá acabar de se arrumar.

Laurel continuou agarrada a ela por mais um instante.

– Nunca me esquecerei disso – sussurrou. – Nunca. Obrigada. Obrigada, obrigada!

Ela correu para a porta, ansiosa para dar a notícia às amigas, então se virou, jovial e radiante.

– Mal posso esperar para começar.

## capítulo um

SOZINHA, OUVINDO NORAH JONES sussurrar pelo iPod, Laurel transformou um painel de fondant em uma amostra de renda elegante e comestível. Não ouvia de fato a música: usava-a mais para preencher o ambiente do que como entretenimento, enquanto posicionava com cuidado o painel sobre a segunda de quatro camadas.

Recuou para ver o resultado e deu a volta no bolo em busca de defeitos. Os clientes da Votos esperavam perfeição, e era isso que pretendia lhes dar. Satisfeita, fez um sinal afirmativo com a cabeça e pegou uma garrafa de água para bebericar enquanto alongava as costas.

– Duas prontas, duas por vir.

Olhou para o quadro em que afixara várias amostras de renda antiga e o esboço do design final do bolo que a noiva de sexta-feira à noite aprovara.

Tinha que finalizar mais três designs, dois para sábado e um para domingo – mas isso não era novidade. Na Votos, empresa de organização de casamentos e eventos que administrava com as amigas, junho era um mês movimentado.

Em poucos anos, elas haviam transformado uma ideia em uma companhia bem-sucedida. Às vezes um pouquinho bem-sucedida demais, pensou Laurel, motivo pelo qual estava fazendo renda de fondant quase à uma da manhã.

Isso era ótimo, concluiu. Adorava seu trabalho.

Todas elas tinham suas paixões. A de Emma eram as flores, a de Mac a fotografia, a de Parker os detalhes. E a dela, os bolos. E os doces, refletiu. E os chocolates. Mas, acima de tudo, os bolos.

Voltou ao trabalho e começou a estender o painel seguinte. Por hábito, prendera os cabelos louros brilhantes, a fim de que não a atrapalhassem. O avental que usava sobre a calça e a camiseta de algodão estava coberto de amido de milho e os sapatos para cozinha mantinham seus pés confortáveis depois de horas em pé. As mãos, após anos amassando, enrolando e erguendo, eram hábeis e rápidas. Ao começar o próximo padrão, seu rosto angular e bem definido se tornou sério.

Quando se tratava de sua arte, a perfeição não era apenas um objetivo. Para a confeitaria da Votos, era uma necessidade. Um bolo de casamento era mais do que assar e decorar, mais do que glacê e recheio. Assim como as fotos que Mac tirava eram mais do que imagens e os arranjos e buquês que Emma criava eram mais do que flores. Os detalhes, o planejamento e os desejos que Parker conciliava eram, no final, maiores do que a soma de suas partes.

Juntos, os elementos se tornavam um acontecimento único, a celebração da jornada que duas pessoas tinham decidido trilhar juntas.

Era romântico, sem dúvida, e Laurel acreditava em romance. Pelo menos na teoria. Além disso, acreditava em símbolos e comemorações. E em um bolo realmente fabuloso.

O deleite suavizou suas feições quando ela completou a terceira camada, e seus olhos azuis profundos se enterneceram ao ver Parker à porta.

– Por que não está na cama?

– Detalhes. – Parker traçou um círculo com um dedo acima da própria cabeça. – Não conseguia parar de pensar. Há quanto tempo está aí trabalhando?

– Algum tempo. Tenho que terminar para o fondant se acomodar durante a noite. E amanhã preciso montar e decorar os dois bolos de sábado.

– Quer companhia?

Elas se conheciam bem o suficiente para Parker saber que, se Laurel dissesse não, ela não deveria se ofender. E, muitas vezes, quando ela estava mergulhada no trabalho, a resposta era negativa.

– Claro.

– Adorei o design. – Parker, como Laurel fizera, circundou o bolo. – A delicadeza do branco sobre branco, o efeito das alturas diferentes de cada camada, a complexidade de todas elas. Realmente parecem painéis diferentes de renda. Antigo, vintage, esse é o tema da nossa noiva. Você acertou em cheio.

– Vamos pôr fita azul-clara em volta do pedestal – disse Laurel, começando o último painel. – E Emma vai espalhar pétalas de rosas brancas na base. Vai ficar o máximo.

– É bem fácil trabalhar com essa noiva.

Confortável em seu pijama e com os cabelos castanhos compridos soltos em vez de presos em um rabo de cavalo elegante ou um coque que

costumava usar para trabalhar, Parker preparou a chaleira. Um dos privilégios de administrar o negócio de casa, com Laurel morando lá – e Emma e Parker também vivendo na propriedade –, eram aquelas visitas tarde da noite.

– Ela sabe o que quer – comentou Laurel, escolhendo uma ferramenta para aparar as bordas do painel. – Mas é aberta a sugestões, e até agora não agiu como uma maluca nenhuma vez. Se continuar assim durante as próximas 24 horas, definitivamente vai conquistar o cobiçado status de Melhor Noiva da Votos.

– Eles pareciam felizes e relaxados no ensaio ontem à noite, o que é um bom sinal.

– Ahã. – Laurel continuou o padrão com furos e pontos posicionados com precisão. – Então, mais uma vez, por que não está dormindo?

Parker suspirou enquanto colocava água para esquentar no pequeno bule de chá.

– Acho que eu estava aproveitando o momento. Relaxando na varanda com uma taça de vinho. Dava para ver as casas de Mac e Emma. As luzes estavam acesas lá, e era possível sentir o cheiro dos jardins. Estava tão silencioso, tão bonito... As luzes se apagaram, primeiro as de Emma e um pouco depois as de Mac. Pensei em nossos planos para o casamento de Mac, e que Emma acabou de ficar noiva. E lembrei todas as vezes que brincamos de Casamento, nós quatro, quando éramos crianças. Agora isso é real. Fiquei sentada lá na escuridão, em silêncio, e desejei que meus pais estivessem aqui para ver isso. Ver o que fazemos e quem somos agora. Fiquei paralisada. – Ela parou para medir o chá. – Senti um misto de tristeza por eles terem partido e alegria por saber que se orgulhariam de mim. De nós.

– Eu penso muito neles também. Todas nós pensamos. – Laurel continuou a trabalhar. – Eles foram uma parte essencial de nossas vidas, e há muitas lembranças deles aqui. Então, entendo o que você quer dizer.

– Eles iam ficar muito felizes por Mac e Carter e por Emma e Jack, não iam?

– Iam, sim. E o que fizemos aqui, Parker? É incrível. Iam ficar muito orgulhosos com isso também.

– Que sorte você estar acordada trabalhando. – Parker colocou as ervas no bule e tirou-o do fogo. – Você me acalmou.

– Disponha. Sabe quem também tem sorte? A noiva de sexta-feira. – Ela

afastou uma mecha de cabelos dos olhos enquanto assentia com a cabeça.  
– O bolo ficou sensacional. E quando eu fizer a parte de cima, os anjos vão chorar de alegria.

– Nossa, Laurel, você precisa se orgulhar mais do seu trabalho.

Laurel sorriu.

– Dane-se o chá. Estou quase terminando aqui. Vamos tomar uma taça de vinho.



De manhã, após seis horas de sono profundo, Laurel fez uma sessão rápida na sala de ginástica antes de se arrumar para o trabalho. Ficaria presa na cozinha durante a maior parte do tempo, mas antes de o dia começar havia a reunião de cúpula que precedia cada evento.

Ela desceu rapidamente a escada de sua ala no terceiro andar para o nível principal da espaçosa casa e foi para a cozinha da família, onde a Sra. Grady arrumava uma bandeja de frutas.

– Bom dia, Sra. G.

A governanta levantou as sobrancelhas.

– Você parece animada.

– E estou. Me sinto ótima. – Ela fechou as duas mãos e flexionou os músculos. – Quero café. Muito.

– Parker já subiu com o café. Você pode levar estas frutas, os pães e os bolos. Coma alguma fruta. Não é bom começar o dia com pão doce.

– Sim, senhora. Alguém mais já chegou?

– Ainda não, mas vi Jack sair com a picape agora há pouco, e Carter deve estar chegando com aqueles olhos de cachorrinho triste na esperança de um café da manhã decente.

– Vou parar de atrapalhar.

Laurel pegou as bandejas e as equilibrou com a experiência da garçonete que já tinha sido.

Levou-as para cima, para a biblioteca que agora servia de sala de reunião da Votos. Parker estava sentada à grande mesa, com o serviço de café no aparador. Como sempre, seu celular Blackberry estava ao alcance da mão. O rabo de cavalo elegante deixava seu rosto à mostra e a blusa branca transmitia profissionalismo enquanto ela bebericava o café e estudava os

dados no laptop com os olhos azul-escuros que Laurel sabia que não deixavam escapar nada.

– Provisões – anunciou Laurel. Ela pousou as bandejas e pôs uma mecha de cabelo à altura do queixo atrás da orelha antes de obedecer à Sra. Grady e se servir de uma pequena tigela de frutas silvestres. – Senti sua falta na sala de ginástica hoje. Acordou a que horas?

– Às seis, o que foi bom, porque a noiva de sábado ligou um pouco depois das sete. O pai dela tropeçou no gato e talvez tenha quebrado o nariz.

– Nossa!

– Ela está preocupada com o pai, mas também com a aparência dele no casamento e nas fotos. Vou ligar para a maquiadora e ver o que ela pode fazer.

– Sinto muito pela falta de sorte do pai da noiva, mas, se esse for o maior problema neste fim de semana, será uma sorte.

Parker ergueu um dedo.

– Não brinque com isso.

Mac entrou calmamente, alta e esguia, de jeans e camiseta preta.

– Olá, garotas.

Laurel franziu os olhos ao notar o sorriso fácil e os olhos verdes sonolentos da amiga.

– Você está com cara de quem acabou de transar.

– Acabei de transar espetacularmente, obrigada por reparar. – Ela se serviu de café e pegou um *muffin*. – E você?

– Você é má...

Com uma risada, Mac desabou na cadeira e esticou as pernas.

– Prefiro meu exercício matinal à sua esteira e seus aparelhos de musculação.

– Má e mesquinha – disse Laurel, e comeu uma framboesa.

– Eu adoro o verão quando o amor da minha vida não tem de se levantar e sair cedo para instruir mentes jovens. – Ela abriu o laptop. – Agora que estou satisfeita de todos os modos possíveis, vamos ao trabalho.

– O pai da noiva de sábado à tarde talvez tenha quebrado o nariz – contou Parker.

– Droga. – Mac franziu a testa. – Se eles quiserem, posso disfarçar bastante com o Photoshop, mas isso é uma tapeação. As coisas são como são e isso torna a lembrança divertida. Na minha opinião.

– Vamos ver o que a noiva vai achar quando ele voltar do médico.

Parker ergueu os olhos quando Emma entrou apressada.

– Não estou atrasada. Ainda faltam vinte segundos. – Com os cachos pretos balançando, ela se dirigiu ao aparelho de café. – Eu acabei dormindo de novo. Depois.

– Ah, eu também odeio você – murmurou Laurel. – Precisamos de uma nova regra. Ninguém se gabar em reuniões de trabalho de ter feito sexo quando metade de nós não tem com quem fazer.

– Apoiado – exclamou Parker no mesmo instante.

– Droga.

Sorrindo, Emma pôs uma porção de frutas em uma tigela.

– O pai da noiva de sábado à tarde talvez tenha quebrado o nariz.

– Droga – repetiu Emma, sinceramente preocupada.

– Vamos lidar com isso quando tivermos mais detalhes, mas, seja como for, eu e Mac ficaremos responsáveis pelo assunto. Eu a manterei informada – disse Parker, dirigindo-se a Mac. – Agora, sobre o evento de hoje à noite... Todas as damas de honra, parentes e convidados de fora da cidade chegaram. A noiva, a mãe dela e as damas de honra virão aqui às três para fazer o cabelo e a maquiagem. A mãe do noivo tem hora marcada em outro salão e deve chegar às quatro, junto com o pai dele. O pai da noiva virá com a filha. Nós os manteremos felizes e ocupados até a hora das fotos. Mac?

– O vestido da noiva é uma beleza. Romântico vintage. Vou dar destaque a ele.

Enquanto Mac delineava seus planos e horários, Laurel se levantou para pegar uma segunda xícara de café. Tinha feito algumas anotações e continuou a tarefa quando Emma assumiu o comando da reunião. Como a maior parte do trabalho de Laurel estava terminado, ela interferiria quando e onde fosse necessário.

Essa era uma rotina que elas tinham aperfeiçoado desde que a Votos deixara de ser um conceito e se transformara em realidade.

– Laurel – disse Parker.

– O bolo está pronto, e ficou lindo. É pesado, por isso precisarei de ajuda para levá-lo até o lugar da recepção, mas o projeto não exige nenhuma montagem no local. Precisarei que você ponha a fita e as pétalas de rosa, Emma, quando ele já estiver lá, mas só na hora de servir. Eles optaram por não ter bolo do noivo, e escolheram vários doces e chocolates em forma de

coração. Também já estão prontos, e os serviremos em porcelana branca com papel rendado combinando com o estilo do bolo. A toalha da mesa do bolo é azul-clara, rendada. A faca e a espátula foram fornecidas pelos noivos. Eram da avó da noiva e vamos ter de ficar de olho nelas.

Laurel deu um gole no café e continuou:

– Hoje vou trabalhar nos bolos de sábado durante a maior parte do dia, mas devo estar livre às quatro, se alguém precisar de mim. No fim do evento, os auxiliares vão pôr as sobras de bolo em caixas e amarrá-las com fitas azuis em que gravamos os nomes dos noivos e a data. Farão o mesmo com o que restar dos chocolates ou doces. Mac, eu gostaria de tirar uma foto do bolo para meus arquivos. Nunca tinha feito esse design.

– Certo.

– E, Emma, preciso das flores para o bolo de sábado à noite. Pode trazê-las quando vier se vestir para o evento de hoje?

– Sem problemas.

– Agora, falando sobre o lado pessoal... – Mac ergueu a mão pedindo atenção. – Ninguém mencionou que o novo casamento da minha mãe é amanhã, na Itália. Felizmente estamos a muitos quilômetros de distância, em nosso lar aqui em Greenwich, Connecticut. Ela me ligou hoje às cinco e pouco da manhã, já que Linda não entende o conceito de fuso horário e... bem, vamos admitir... não dá a mínima para isso.

– Por que você não deixou tocar? – perguntou Laurel enquanto Emma estendia a mão para afagar a perna de Mac em uma demonstração de solidariedade.

– Porque ela simplesmente continuaria telefonando e estou tentando lidar com ela. Desta vez nos meus termos, pra variar um pouco. – Mac passou os dedos pelos cabelos ruivos vibrantes. – Houve, conforme o esperado, lágrimas e recriminações porque ela decidiu que me quer lá. Ao contrário de uma semana atrás, quando não queria. Como não tenho a menor intenção de pegar um avião para vê-la se casar pela quarta vez, sobretudo porque tenho um evento hoje à noite, dois amanhã e outro no domingo, ela parou de falar comigo.

– Se ao menos isso fosse durar...

– Laurel – murmurou Parker.

– Estou falando sério. Você tem que dizer a ela o que pensa – lembrou Laurel a Parker. – Eu não fiz isso e agora só posso lamentar.

– O que eu agradeço – disse Mac. – Do fundo do coração. Mas, como pode ver, não me acovardei, não estou me sentindo culpada nem irritada. Acho que há uma vantagem em encontrar um homem sensato, amoroso e confiável de verdade. Uma vantagem além do maravilhoso sexo matinal. Todas vocês estiveram do meu lado quando precisei lidar com Linda, tentaram me ajudar a suportar as exigências e a insanidade dela. Acho que Carter só conseguiu equilibrar as coisas, e agora sou capaz de lidar com isso. Queria que vocês soubessem.

– Eu mesma faria sexo com ele todos os dias de manhã apenas por isso.

– Tire o olho, McBane. Mas agradeço pela consideração. Então... – Ela se levantou. – Quero trabalhar um pouco antes de precisar me concentrar no evento de hoje. Depois vou dar uma passada aqui para tirar algumas fotos do bolo.

– Espere, eu vou com você. – Emma se levantou. – Volto logo com a equipe e trago as flores, Laurel.

Depois que elas foram embora, Laurel continuou sentada por mais algum tempo.

– Ela estava mesmo falando sério.

– Sim, estava.

– E ela tem razão. – Laurel aproveitou o último momento para se recostar e relaxar com seu café. – Foi Carter quem girou a chave na fechadura. Eu me pergunto como é ter um homem capaz de fazer isso, de ajudar dessa maneira sem pressionar. Capaz de amar assim. Acho que a invejo mais por isso do que pelo sexo. – Ela deu de ombros e se levantou. – É melhor eu ir trabalhar.



Laurel não teve tempo de pensar em homens nos dias que se seguiram. Não teve tempo nem energia para pensar em amor e romance. Podia estar mergulhada até o pescoço em casamentos, mas aquilo era trabalho, e um trabalho que exigia foco e precisão.

Seu bolo Renda Antiga, que ela demorara quase três dias para criar, teve seu momento sob os holofotes – antes de ser cortado e devorado. Na tarde de sábado, ela apresentou seu fantástico Pétalas Claras, com centenas de pétalas cor-de-rosa de pasta americana em relevo, e, na noite de sábado, o

Jardim de Rosas, com camadas de rosas vermelhas entremeadas com bolo de baunilha e cobertura de glacê cremoso.

Para o evento menor e mais informal da tarde de domingo, a noiva havia escolhido o Frutas de Verão. Laurel o tinha assado, feito o recheio, a montagem, a cobertura e o desenho em forma de cesta. Agora, enquanto a noiva e o noivo diziam os votos no terraço lá fora, ela completava o projeto arrumando frutas frescas e folhas de hortelã sobre as camadas.

Atrás de Laurel, os ajudantes concluíam a decoração da mesa para o brunch. Ela usava um avental sobre uma roupa quase da mesma cor das framboesas que selecionara.

Deu um passo para trás e estudou as linhas e o equilíbrio do bolo. Depois escolheu um cacho de uvas cor de champanhe para pôr sobre uma camada.

– Parece delicioso.

Laurel franziu as sobrancelhas enquanto agrupava algumas cerejas. Interrupções durante o trabalho eram comuns, mas isso não significava que gostasse delas. Além do mais, não esperava que o irmão de Parker aparecesse durante um evento.

Então lembrou a si mesma que ele ia e vinha quando bem entendia.

Mas quando viu a mão dele se aproximando de um dos recipientes, afastou-a rapidamente com um tapa.

– Tire as mãos daí.

– Como se algumas amoras fossem fazer falta.

– Não sei onde suas mãos estiveram. – Ela arrumou três folhas de hortelã, ainda sem se dar ao trabalho de olhar para ele. – O que você quer? Estamos trabalhando.

– Eu também estou. Mais ou menos. Na qualidade de advogado. Tinha que deixar uma papelada aqui.

Ele cuidava de todos os assuntos legais delas, tanto como pessoas físicas quanto como pessoas jurídicas. Laurel sabia muito bem que ele lhes dedicava muitas horas, frequentemente do próprio tempo livre. Mas se não o repreendesse, quebraria uma longa tradição.

– E programou sua vinda para poder pegar alguma coisa do bufê.

– Acho que mereço alguns privilégios.

Ela se deu por vencida e se virou. A escolha dele de vestir jeans e camiseta não o tornava menos que um advogado de alto nível. Não na opinião

dela. Delaney Brown, da família Brown de Connecticut, pensou Laurel. Alto, atraente e esguio, tinha os fartos cabelos castanhos apenas um pouquinho mais longos do que o estilo dos advogados poderia ditar.

Ele fazia aquilo de propósito? Laurel imaginava que sim, porque era um homem que sempre tinha um plano na manga. Os olhos eram azul-escuros e profundos como os de Parker, mas, embora Laurel o conhecesse desde sempre, quase nunca conseguia ler o que havia por trás deles.

Na opinião dela, ele era bonito demais para o próprio bem e atraente demais para o bem de qualquer pessoa. Também era inabalavelmente leal, discretamente generoso – e irritantemente superprotetor.

Agora estava ali, sorrindo para ela, um sorriso rápido e fácil, com um desarmante lampejo de humor que Laurel imaginava ser uma arma letal no tribunal. Ou na cama.

– Salmão cozido frio, empanado de frango à florentina, legumes de verão grelhados, panquecas de batata, vários tipos de quiche, caviar com acompanhamento completo, pães e doces variados e um arranjo de frutas e queijos. Temos, ainda, bolo de sementes de papoula recheado com geleia de laranja, cobertura de glacê com licor Grand Marnier encimado por frutas frescas.

– Eu quero.

– Espero que consiga passar uma boa conversa no pessoal do bufê – retrucou Laurel.

Ela alongou os ombros e fez movimentos circulares com a cabeça e o pescoço enquanto escolhia as próximas frutas silvestres.

– Está dolorida?

– O entrelaçamento da cesta me deixou com o pescoço e os ombros em frangalhos.

Ele ergueu as mãos e depois as enfiou nos bolsos.

– Jack e Carter estão por aqui?

– Em algum lugar. Não os vi hoje.

– Acho que vou procurá-los.

– Ahã.

Mas ele atravessou a sala e foi até as janelas olhar para o terraço enfeitado com flores, as cadeiras forradas de branco e a bela noiva de frente para o noivo sorridente.

– Eles vão trocar as alianças – comentou Del.

– Foi o que Parker acabou de me dizer. – Laurel deu um tapinha em seus fones de ouvido. – Estou a postos. Emma, o bolo está pronto para você.

Ela posicionou um cacho de amoras na camada superior.

– Faltam cinco minutos – anunciou, começando a encher sua cesta com as frutas restantes. – Vamos servir o champanhe e os drinques. Acenda as velas, por favor.

Ela começou a erguer a cesta, mas Del foi mais rápido.

– Eu levo isso.

Laurel deu de ombros e foi ligar o interruptor da música ambiente que tocaria até a orquestra assumir posição.

Eles começaram a descer a escada dos fundos, passando pelos funcionários uniformizados que subiam com os acepipes para o breve coquetel. Isso entreteria os convidados enquanto Mac fazia as fotos formais dos noivos, dos padrinhos e da família.

Laurel entrou na cozinha, onde o serviço de bufê estava a todo vapor. Acostumada ao caos, ela passou por eles, pegou uma tigela pequena, encheu-a de frutas e a entregou a Del.

– Obrigado.

– Só fique fora do caminho. Sim, eles estão prontos – disse ela a Parker pelo microfone acoplado aos fones de ouvido. – Sim, trinta. No lugar. – Ela olhou de relance para o pessoal do bufê. – Dentro do horário. Ah, Del está aqui. Ahã.

Inclinado sobre o balcão, comendo as frutas, ele observou Laurel enquanto ela tirava o avental.

– Está bem, saindo agora.

Del se afastou do balcão para segui-la enquanto Laurel se dirigia ao vestíbulo, que em breve se transformaria em seu espaço extra de refrigeração e armazenagem. Ela soltou os cabelos, jogou-os para o lado e balançou a cabeça para arrumá-los enquanto ia lá para fora.

– Aonde estamos indo?

– Eu vou ajudar a conduzir os convidados para dentro. Você vai para algum lugar longe daqui.

– Eu gosto daqui.

Foi a vez dela de sorrir.

– Parker me disse para me livrar de você até a hora da limpeza. Vá pro-

curar seus amiguinhos, Del, e se vocês se comportarem direitinho, poderão comer depois.

– Está bem, mas se eu tiver de ajudar na limpeza, vou querer um pedaço daquele bolo.

Eles se afastaram: Del seguiu na direção da casa da piscina que fora reformada e agora servia de estúdio e lar de Mac e Carter, e Laurel foi para o terraço, onde a noiva e o noivo trocavam seu primeiro beijo de casados.

Laurel olhou para trás uma vez – apenas uma. Conhecia-o desde sempre – tinha sido o destino, supôs. Mas a culpa era toda dela, e o problema era seu também, por ter se apaixonado por ele quase desde o primeiro momento.

Permitiu-se dar um suspiro antes de fixar um sorriso radiante e profissional no rosto e ajudar a conduzir os convidados à recepção.

## capítulo dois

MUITO TEMPO DEPOIS DE o último convidado ir embora e o pessoal do bufê recolher suas coisas, Laurel se jogou no sofá da sala de estar da família com uma merecida taça de vinho.

Não sabia ao certo onde os homens poderiam estar – talvez de volta às suas tocas com um engradado de cerveja –, mas era bom, muito bom, relaxar apenas com as mulheres, em relativo sossego.

– Foi um ótimo fim de semana. – Mac ergueu a taça em um brinde. – Quatro ensaios, quatro eventos. Nenhum problema em nenhum deles. Nem por um instante. Isso é um recorde.

– O bolo estava maravilhoso – acrescentou Emma.

– Você comeu apenas uma garfada – observou Laurel.

– Uma garfada deliciosa. Além disso, hoje foi lindo, o filho pequeno do noivo como o padrinho. Ele era muito fofo. Fiquei com os olhos cheios d'água.

– É uma bela família. – Parker estava sentada com os olhos fechados e o celular no colo. – A gente vê pessoas que já têm filhos se casando de novo e pensa “Puxa, isso vai dar problema”. Mas aqueles ali? A gente vê que ela e o menino são loucos um pelo outro. Foi lindo.

– Tirei umas fotos espetaculares. E o bolo estava incrível – acrescentou Mac. – Talvez eu escolha o de sementes de papoula para o meu.

Para aliviar as cãibras, Laurel encolheu e esticou os dedos dos pés.

– Na semana passada você queria o de creme italiano.

– Talvez eu devesse escolher amostras de bolo. Pequenas versões de vários tipos, modelos diferentes. Seria uma orgia gastronômica, o que ainda renderia fotografias maravilhosas.

Laurel ergueu um dedo.

– Vá se ferrar, Mackensie. Vá se ferrar.

– Por que você não escolhe o de creme italiano? Não é seu favorito?

Mac apertou os lábios e assentiu com a cabeça para Emma.

– Tem razão. E tem tudo a ver comigo. E você, já sabe qual vai escolher?

– Não consigo nem pensar nisso. Ainda estou me acostumando com o noivado. – Emma olhou o diamante em seu dedo com um sorriso presunçoso. – Além disso, quando eu me envolver com os planos e detalhes, acho que vou surtar. Então deveríamos adiar esse momento o máximo possível.

– Sim, também acho – concordou Laurel com um suspiro.

– De qualquer modo, antes você precisa do vestido. – Parker manteve os olhos fechados. – O vestido sempre vem primeiro.

– Parem com isso – murmurou Laurel.

– Quase não pensei nisso, só umas mil vezes – acrescentou Emma. – Olhei só meio milhão de fotografias. Vou usar um de princesa. Quilômetros e quilômetros de saia. Provavelmente com um corpete tomara que caia, já que meus seios são maravilhosos.

– Isso é verdade, são mesmo – concordou Mac.

– Com certeza nada de simplicidade. Luxo é meu lema. Quero tiara e cauda. – Seus olhos escuros brilharam com o pensamento. – E, como vamos encaixá-lo no próximo mês de maio, vou criar um buquê incrível e, sim, luxuoso, para mim. Em tom pastel, eu acho. Talvez. Provavelmente. Tons românticos de tirar o fôlego.

– Isso é porque ela não consegue nem pensar nisso – ironizou Laurel.

– Todas vocês em cores claras – continuou Emma, sem se perturbar. Ela deu um suspiro longo e sonhador. – E quando Jack me vir, ficará sem fôlego. Vocês sabem, aquele momento único em que olhamos um para o outro e é como se o mundo parasse. Apenas por um minuto, um minuto incrível.

Sentada no chão, ela encostou a cabeça na perna de Parker.

– Não tínhamos mesmo ideia de como era isso quando crianças, em todas aquelas vezes que brincamos de Casamento. Não entendíamos o que esse momento único e incrível significava. Temos sorte de vê-lo com tanta frequência.

– É o melhor trabalho do mundo – murmurou Mac.

– É o melhor trabalho do mundo porque nós somos as melhores. – Laurel levantou o tronco o suficiente para brindar. – Organizamos tudo para as pessoas terem esse tal momento único. Você terá o seu, Em, orquestrado até o último detalhe por Parker, cercado de arranjos de flores feitos por você mesma e fotografado por Mac. E celebrado com um bolo que criarei apenas para você. Um luxuoso. Eu garanto.

– Ohn. – Os olhos escuros de Emma ficaram marejados de lágrimas. – Por mais que eu ame Jack, e o amo muito, não poderia estar tão feliz quanto estou agora com vocês.

Mac entregou um lenço de papel à amiga.

– Ainda sou a primeira, e também quero um bolo só para mim – disse ela a Laurel. – Se ela vai ter um, eu também vou.

– Posso pôr camerazinhas e minitripés ao redor das camadas.

– E que tal pequenas pilhas de livros no de Carter? – Mac riu. – Bobo, mas apropriado.

– Combina com o tema das suas fotos de noivado. – Emma secou os olhos.

– Adorei a composição: você e Carter no sofá com as pernas entrelaçadas, ele com um livro no colo e você parecendo que tinha acabado de abaixar sua câmera depois de tirar a foto dele. Vocês dois sorrindo um para o outro. O que me leva a perguntar sobre nossa foto de noivado. Quando, onde, como?

– Fácil. Você e Jack na cama, nus.

Emma estendeu o pé para dar um leve chute em Mac.

– Pare com isso.

– Acho bem apropriado – opinou Laurel.

– A gente não fica só fazendo sexo!

– É claro que não. Também ficam pensando em fazer – comentou Parker, abrindo um olho.

– Nós temos um relacionamento completo – insistiu Emma. – O que inclui muito sexo. Mas falando sério...

– Tenho algumas coisas em mente. Devíamos dar uma olhada em nossas agendas e programar alguma coisa – disse Mac.

– Agora?

– Claro. Parks deve ter nossas agendas no celular dela – retrucou Mac, e estendeu a mão para o aparelho.

Parker abriu os dois olhos e a encarou com ar de ameaça.

– Toque nisso e você morre.

– Meu Deus! Vamos consultar minha agenda no estúdio. De qualquer modo, seria bom nos reunirmos com os rapazes, e temos que saber da disponibilidade do Jack.

– Ótimo.

– Onde eles estão? – perguntou Laurel.

– Lá embaixo, com a Sra. G. – respondeu Emma. – Comendo pizza e jogando pôquer; pelo menos esse era o plano.

– Ninguém convidou a gente para comer pizza e jogar pôquer. – Laurel deu de ombros enquanto os olhares se voltavam para ela. – Tudo bem, não quero comer pizza nem jogar pôquer porque estou gostando de ficar aqui com vocês. Mas ainda assim...

– Seja como for... – Mac se levantou. – Nessas circunstâncias, conseguirmos nos reunir pode demorar algum tempo. Vamos só pensar nas ideias e depois consultar as agendas.

– Acho ótimo. Bom trabalho, garotas – disse Emma, levantando-se.

Quando elas saíram, Laurel se alongou.

– Preciso de uma massagem. Devíamos contratar algum massagista pela empresa, para ficar disponível em tempo integral. Um cara chamado Sven. Ou Raoul.

– Vou pôr isso na lista. Por enquanto, você pode ligar para Serenity e marcar um horário.

– Mas se tivéssemos um cara chamado Sven... Acho Sven um nome melhor que Raoul... Então eu poderia receber uma massagem agora e ir relaxada para a cama depois. Quantos dias faltam para as férias?

– Muitos, infelizmente.

– Você diz isso agora, mas, quando estivermos livres e soltas nos Hamp-tons, ainda estará com esse celular na mão o tempo inteiro.

– Posso largá-lo quando quiser.

Laurel retribuiu o sorriso de Parker.

– Você vai comprar uma bolsa à prova d'água para poder nadar com ele.

– Deviam fazer um modelo à prova d'água. A tecnologia já deve ser capaz disso.

– Bem, vou deixá-la a sós com seu verdadeiro amor, mergulhar em uma banheira de água quente e sonhar com Sven – disse Laurel, rolando para fora do sofá. – É bom ver Emma e Mac tão felizes, não é?

– É.

– Falo com você de manhã.



O banho quente fez milagres, mas a deixou bem desperta, e não relaxada e sonolenta. Em vez de passar uma hora tentando dormir, Laurel ligou a TV na sala só para ter companhia e depois se sentou na frente do computador para checar a agenda da semana. Procurou receitas – era tão viciada nisso quanto Parker no celular – e encontrou algumas que valia a pena marcar para alterar e personalizar depois.

Ainda sem sono, sentou-se em sua cadeira favorita com o bloco de desenho. A cadeira tinha sido da mãe de Parker e sempre fazia Laurel se sentir confortável e segura. Ela cruzou as pernas sobre a almofada macia, com o bloco no colo, e pensou em Mac. Em Mac e Carter. Em Mac e no fabuloso vestido de noiva que escolhera – ou que Parker encontrara para ela.

Linhas simples e elegantes, pensou, que combinavam com o corpo longilíneo e esguio de Mac. Não muito exagerado, apenas com um pequeno toque de sedução. Fez o esboço de um bolo que refletia essa ideia – clássico e simples. E imediatamente o descartou.

Linhas simples para o vestido, sim, mas Mac também tinha a ver com cor e brilho, singularidade e ousadia. E esse, percebeu, era um dos motivos porque Carter era louco por ela.

Tão arrojada! Um casamento colorido no outono. Camadas quadradas em vez das tradicionais redondas, coberto com o glacê preferido de Mac. Tingido. Sim, sim. De dourado-escuro. E com flores de outono – ela as faria maiores, com pétalas largas e detalhadas – castanho-avermelhadas, laranja queimado e verde-azeitona.

Cor, textura e forma para agradar ao olhar da fotógrafa, e romântico o suficiente para qualquer noiva. Coroado por um buquê e com um rastro de fitas dourado-escuras. Toques de branco em tiras finas, para realçar toda a cor.

Outono de Mac, pensou, sorrindo enquanto acrescentava detalhes. O

nome era perfeito para o bolo – referia-se à estação e ao modo como a amiga caíra de amores, qual as folhas de uma árvore.

Laurel afastou o rascunho para vê-lo de longe e sorriu, satisfeita.

– Eu sou um arraso. E agora estou com fome.

Levantou-se e apoiou o bloco de desenho aberto sob uma luminária. Na primeira oportunidade, decidiu, o mostraria a Mac para saber a opinião da noiva. Mas, se conhecia a amiga, ouviria um grande e feliz “Uau!”.

Merecia um lanche – talvez uma fatia de pizza fria, se tivesse sobrado alguma. O que lamentaria de manhã, disse a si mesma ao sair, mas não podia evitar.

Ela estava acordada e com fome. Um dos privilégios de administrar a própria empresa e a vida era poder fazer o que queria de vez em quando.

Avançou na escuridão, em meio ao silêncio, guiada por seu conhecimento da casa e pela luz da lua que entrava pelas janelas. Atravessou sua ala e começou a descer a escada, tentando se convencer a trocar a pizza fria por uma saudável porção de frutas frescas e um chá de ervas.

Tinha que acordar cedo para malhar antes da fornada de segunda-feira. À tarde, três casais estavam marcados para provas, então precisava se preparar e estar com tudo limpo.

Depois, ainda teria uma reunião à noite, com toda a equipe e uma cliente, para acertar os detalhes de um casamento no inverno. Em seguida, estaria livre para fazer o que precisava ser feito – ou o que bem entendesse.

Graças a Deus dera um tempo nos encontros, por isso não precisava se preocupar em se arrumar para sair – e com o que vestir –, ter assunto e decidir se queria ou não fazer sexo.

A vida era mais fácil assim, concluiu, ao virar na base da escada. Mais fácil, mais simples e menos tensa com encontros e sexo fora de jogo.

Topou de frente com uma forma sólida – uma forma masculina – e cambaleou para trás. Praguejando, estendeu os braços para se proteger. As costas da sua mão bateram com força em um corpo, e dessa vez quem praguejou não foi ela. Enquanto caía, agarrou um tecido e ouviu-o se rasgar enquanto a forma sólida masculina desabava em cima dela.

Ofegante e com a cabeça dolorida no ponto em que batera na escada, ela ficou esparramada no chão como um trapo. Mesmo zonza e sem enxergar direito, Laurel reconheceu a forma e o cheiro de Del.

– Meu Deus, Laurel? Caramba, você se machucou?

Ela puxou o ar para respirar, espremida sob o peso dele – e com certa área desse peso pressionada muito intimamente entre suas pernas. Por que diabo ela estivera pensando em sexo? Ou na falta dele?

– Quer sair de cima de mim? – conseguiu dizer.

– Estou tentando. Você está bem? Não a vi. – Del se afastou um pouco e os olhos dos dois se encontraram sob a luz azulada do luar. – Ai!

Como a movimentação dele aumentou a pressão, algo no corpo de Laurel começou a pulsar.

– Saia. De cima. De mim. Agora.

– Está bem, está bem. Perdi o equilíbrio. Além disso, você agarrou minha camisa e me levou junto. Eu só tentei segurá-la. Espere um instante, deixe-me acender a luz.

Laurel ficou exatamente onde estava, esperando a respiração voltar ao normal, esperando que partes de seu corpo parassem de pulsar. Quando Del acendeu a luz, a claridade a fez fechar os olhos.

– Ah – disse ele, e pigarreou.

Laurel estava esparramada na escada, com as pernas abertas, usando uma regata branca fina e uma calcinha boxer vermelha. As unhas dos pés estavam pintadas de rosa-choque. Del decidiu que se concentrar nos dedos dos pés de Laurel era melhor do que nas pernas, ou no modo como a camiseta lhe assentava ou... em qualquer outra coisa.

– Deixe-me ajudá-la a se levantar.

*E a pôr um roupão comprido e grosso.*

Meio sentada massageando a nuca, ela lhe fez um sinal com a mão indicando que não precisava de ajuda.

– Droga, Del, o que você estava fazendo se esgueirando pela casa?

– Eu não estava me esgueirando. Estava andando. Por que você estava se esgueirando?

– Eu não estava... Pelo amor de Deus! Eu moro aqui.

– Eu também morava – murmurou ele. – Você rasgou a minha camisa.

– Você fraturou o meu crânio.

A irritação se transformou em preocupação no mesmo instante.

– Eu a machuquei mesmo? Deixe-me ver.

Del se abaixou e apalpou a nuca de Laurel antes que ela pudesse se mexer.

– Você caiu com muita força, mas não está sangrando.

– Ai! – Pelo menos o toque tirou sua atenção da camisa rasgada e da musculatura dentro dela. – Pare de apertar.

– Acho melhor irmos pegar um pouco de gelo para você.

– Está tudo bem. Eu estou *bem*. – Desconcertada, sem dúvida, pensou, e desejando que ele não estivesse tão desgrenhado, desarrumado e ridiculamente sexy. – O que diabo você está fazendo aqui no meio da madrugada?

– Ainda não é nem meia-noite.

Del a fitou direto nos olhos, procurando sinais de choque ou trauma, supôs ela. A qualquer instante iria medir a droga da sua pulsação.

– Isso não responde à pergunta – retrucou Laurel.

– Eu estava com a Sra. G. Bebendo cerveja. Cerveja suficiente para decidir que... – Ele apontou para cima. – Ia dormir em um dos quartos de hóspedes em vez de dirigir bêbado.

Laurel não podia discutir com ele por ser sensato – particularmente porque sempre era.

– Então... – Ela o imitou e apontou para cima.

– Levante-se para eu ter certeza de que está bem.

– Não sou eu que estou bêbada.

– Não, é você que está com o crânio fraturado. Ande logo.

Ele encerrou o assunto pondo as mãos sob os braços de Laurel e colocando-a de pé um degrau acima, o que fez com que os rostos dos dois ficassem quase no mesmo nível.

– Não estou vendo nenhum xis em seus olhos nem passarinhos voando em círculos em volta da sua cabeça.

– Engraçadinho.

Ele deu aquele sorriso.

– Eu ouvi alguns passarinhos piando quando você bateu em mim com as costas da mão.

Laurel não pôde evitar sorrir mesmo enquanto fazia uma careta.

– Se eu soubesse que era você, teria batido com mais força.

– Essa é a minha garota.

E não era exatamente assim que ele a via?, pensou Laurel com uma mistura de irritação e desapontamento. Apenas uma de suas garotas.

– Vá dormir para curar sua bebedeira e pare de ficar se esgueirando por aí.

– Para onde você vai? – perguntou ele enquanto Laurel se afastava.

– Para onde eu quiser.

Era o que Laurel costumava fazer, pensou ele, e uma das coisas que mais gostava nela. A menos que considerasse o modo como a bunda dela ficava naquela calcinha boxer vermelha.

O que ele não estava fazendo. Só queria se certificar de que os pés dela estavam firmes. E suas pernas lindas também.

De forma decidida, Del se virou e subiu a escada para o terceiro andar. Seguiu na direção da ala de Parker e abriu a porta para o quarto que ocupara durante a infância e a adolescência.

Não estava igual. Não esperava ou queria que estivesse. Quando as coisas não mudavam, tornavam-se estagnadas e obsoletas. As paredes, agora de um verde suave e fosco, exibiam quadros bonitos com molduras simples em vez dos pôsteres de esportes de sua juventude. A cama de dossel, um lindo móvel antigo, fora de sua avó. Herança, pensou ele, não era o mesmo que estagnação.

Tirou o dinheiro e as chaves do bolso, jogou-os sobre a travessa em cima da cômoda e depois se olhou no espelho.

Estava com a camisa rasgada nos ombros, os cabelos desgrenhados e, salvo engano, uma leve marca que os nós dos dedos de Laurel tinham lhe deixado no rosto.

Ela sempre havia sido durona, pensou ele tirando os sapatos. Durona, forte, e não tinha medo de quase nada. A maioria das mulheres teria gritado, não teria? Mas não Laurel – ela lutava. Se a empurrassem, ela empurrava de volta. Com mais força.

Tinha que admirá-la por isso.

O corpo dela o surpreendera. Podia admitir isso, pensou enquanto tirava a camiseta rasgada. Não que não soubesse como era o corpo dela. Abraçara-a inúmeras vezes ao longo dos anos. Mas abraçar uma amiga era totalmente diferente de se deitar em cima de uma mulher no escuro.

Totalmente diferente.

E algo em que era melhor não pensar muito.

Ele terminou de se despir e puxou a colcha – obra de sua bisavó – da cama. Programou o despertador antigo de corda na mesa de cabeceira e apagou a luz.

Quando fechou os olhos, a imagem de Laurel deitada na escada surgiu

em sua cabeça e não foi mais embora. Ele rolou de um lado para outro, pensando nos compromissos do dia seguinte. E viu Laurel se afastando em sua calcinha boxer vermelha.

– Que se dane.

Um homem tinha o direito de se concentrar no que quisesse quando estava sozinho no escuro.



Como de costume nas manhãs de segunda-feira, Laurel e Parker chegaram à academia de ginástica da casa quase na mesma hora. Parker começou sua série de ioga enquanto Laurel se dedicou à corrida na esteira. Como ambas levavam a rotina de exercícios a sério, não se falaram muito.

Quando Laurel se aproximou do quinto quilômetro, Parker deu início à série de pilates. Nesse momento, Mac apareceu se arrastando e lançando seu costumeiro olhar de desprezo para os aparelhos de musculação.

Divertida, Laurel começou a desacelerar. A conversão de Mac a uma rotina regular de exercícios provinha de sua determinação em ficar com braços e ombros fabulosos no vestido de noiva tomara que caia.

– Você está ótima, Mac! – gritou Laurel enquanto pegava uma toalha.

Mac apenas curvou os lábios.

Laurel estendeu um colchonete no chão para se alongar enquanto Parker dava a Mac algumas dicas de boa forma. Quando ela começou a fazer exercícios livres com halteres, Parker estava empurrando Mac para o aparelho elíptico.

– Eu não quero.

– Uma mulher não chega a lugar nenhum só com treinamento de resistência. Quinze minutos de exercícios cardiovasculares e quinze de alongamento. Laurel, que mancha roxa é essa?

– Que mancha roxa?

– No seu ombro.

Parker se aproximou e pôs o dedo no hematoma exposto pela camiseta nadador.

– Ah, eu caí debaixo do seu irmão.

– Oi?

– Ele estava andando no escuro quando desci para tomar um chá, que acabou virando pizza fria e refrigerante. Ele trombou comigo e me derrubou.

– Por que ele estava andando no escuro?

– Foi exatamente isso que eu perguntei. Estava tomando cerveja com a Sra. G. Dormiu em um dos quartos de hóspedes.

– Eu não sabia que ele estava aqui.

– Ainda está – disse Mac. – O carro dele está estacionado lá na frente.

– Vou ver se já acordou. Quinze minutos, Mac.

– Droga. Quando vou começar a sentir a endorfina? – perguntou Mac a Laurel. – Como vou saber quando isso acontecer?

– Como você sabe quando está tendo um orgasmo?

– Ah, é? – Mac se animou. – É assim?

– Infelizmente não, mas o princípio de saber quando chega lá é o mesmo. Vai tomar café da manhã aqui?

– Acho que sim. Eu mereço. Além do mais, se eu chamar Carter para vir aqui, ele poderá convencer a Sra. G. a fazer rabanadas.

– Então faça isso. Quero lhe mostrar uma coisa.

– O quê?

– É só uma ideia.

Passava um pouco das sete quando Laurel, já arrumada para o trabalho e com o bloco de desenho na mão, entrou na cozinha.

Presumira que Del tinha ido embora, mas lá estava ele, encostado no balcão com uma caneca de café fumegante. Na bancada à sua frente estava Carter Maguire, em posição quase idêntica.

Ainda assim, os dois eram muito diferentes. Mesmo de jeans e camiseta rasgada, Del transmitia uma elegância masculina, enquanto Carter exalava uma doçura desarmante. Nada meloso, pensou ela – odiaria isso –, mas uma bondade inata.

E apesar da falta de jeito de Del à noite, ele era ágil e atlético, enquanto Carter tendia a ser atrapalhado.

Mesmo assim, ambos eram muito fofos.

Era óbvio que a firme Sra. Grady não era imune a isso. Estava ao fogão – as rabanadas tinham vencido – com os olhos brilhantes e as bochechas um pouco coradas. Feliz em ter os rapazes por perto, pensou Laurel.

Parker veio do terraço enfiando o celular no bolso e viu a amiga.

– A noiva de sábado à noite. Nervosismo básico. Tudo certo. Emma e Jack estão a caminho, Sra. G.

– Bem, se vou cozinhar para um exército, é melhor alguns dos soldados se sentarem. Fique com as mãos bem longe daquele bacon, rapaz – avisou ela a Del. – Até estar sentado à mesa como uma pessoa civilizada.

– Só estou tentando ajudar a adiantar as coisas. E aí, Laurel, como está a cabeça?

– Ainda sobre meus ombros.

Ela pousou o bloco de desenho e pegou a jarra de suco.

– Bom dia. – Carter sorriu para Laurel. – O que houve com sua cabeça?

– Del a bateu na escada.

– Depois que ela me bateu e rasgou minha camisa.

– Porque você estava bêbado e me derrubou.

– Eu não estava bêbado. E foi você que caiu.

– Essa é a versão dele.

– Sentem-se e se comportem – ordenou a Sra. G. Ela se virou quando Jack e Emma entraram. – Você está com as mãos limpas? – perguntou a ele.

– Sim, senhora.

– Então pegue isto e vá se sentar.

Ele aceitou a travessa de rabanadas e as cheirou profundamente.

– E eles vão comer o quê?

Ela sorriu e lhe deu um tapinha.

– E aí? – disse ele a Del.

Os dois eram amigos desde a faculdade, e ficaram unidos como irmãos desde que Jack se mudara para Greenwich a fim de abrir o próprio escritório de arquitetura. Ele se acomodou em um canto, lindo como um astro de cinema com seus cabelos louro-escuros ondulados, olhos escuros e sorriso fácil.

Como ele estava de terno, Laurel imaginou que devia ter uma reunião com um cliente no escritório em vez de em alguma obra.

– E essa camisa rasgada? – disse ele a Del enquanto pegava uma fatia de bacon.

– Obra de Laurel.

Jack levantou as sobrancelhas para ela.

– Malvada.

– Ridículo.

Eles sorriram um para o outro enquanto Mac entrava.

– Meu Deus! É melhor que isto valha a pena. Venha cá. – Agarrou Carter, puxou-o para perto e lhe deu um beijo ruidoso. – Eu fiz por merecer.

– Você está toda... rosada – murmurou ele, e inclinou a cabeça para beijá-la de novo.

– Parem com essa besteira e se sentem antes que a comida esfrie.

A Sra. G. deu um tapinha no braço de Carter enquanto levava o bule de café para a mesa.

Laurel sabia que a governanta adorava aquilo. Tinha uma prole inteira com que se preocupar e a quem dar ordens. Ficava feliz com a presença deles, com o barulho que faziam, e quando se fartava os colocava para fora de sua cozinha. Ou se retirava para seus aposentos em busca de um pouco de paz e silêncio.

Mas, por enquanto, com o cheiro de café, bacon e canela, as travessas se esvaziando enquanto os pratos se enchiam, as coisas estavam exatamente como a Sra. G. queria.

Laurel entendia a necessidade de alimentar o desejo – até mesmo a paixão – de pôr comida na frente de uma pessoa e incitá-la a comer. Era vida e conforto, autoridade e satisfação. E quando você preparava esse alimento com as próprias mãos, usando a própria habilidade, era, de um modo muito real, amor.

Ela achava que havia aprendido um pouco sobre isso bem ali, quando a Sra. G. lhe ensinara a abrir e sovar massa ou a reconhecer se um pão já estava assado. Mais do que os princípios básicos da pastelaria, aprendera que acrescentar um pouco de amor e orgulho à mistura fazia a massa crescer melhor.

– A cabeça está bem? – perguntou Del.

– Está, não graças a você. Por quê?

– Porque você está calada.

– E dá para falar? – retrucou ela enquanto as conversas se cruzavam à mesa.

– Posso fazer uma consulta profissional?

Ela o olhou com cautela enquanto mordida uma rabanada.

– Que consulta?

– Preciso de um bolo.

– Todos precisam de bolo, Del.

– Esse deveria ser seu slogan. Dara vai voltar da licença-maternidade e

pensei em fazer uma festinha de boas-vindas para ela no escritório, para comemorar a chegada do bebê e tudo o mais.

Dara era a assistente jurídica de Del, e fazer esse tipo de coisa era a cara dele.

– Quando?

– Hã... quinta-feira.

– Nesta quinta? – Isso também era a cara dele, pensou Laurel. – Que tipo de bolo?

– Um bom.

– Só faço desse tipo. Me dê alguma dica. Quantas pessoas?

– Umas vinte.

– Simples ou recheado?

Ele lhe lançou um olhar suplicante.

– Me ajude, Laurel. Você conhece a Dara. Faça o que achar melhor.

– Ela é alérgica a alguma coisa?

– Não. Acho que não. – Del encheu a caneca de café de Laurel um instante antes que ela pensasse em fazer isso. – Não precisa ser espetacular. Só um bolo bonito para uma festinha no escritório. Eu poderia comprar um no mercado, mas... seria isso que eu ganharia – disse ele, apontando para o olhar carrancudo de Laurel. – Posso buscá-lo na quarta-feira depois do trabalho, se você conseguir tempo para fazê-lo.

– Vou conseguir, porque gosto da Dara.

– Obrigado. – Ele estendeu o braço para acariciar a mão de Laurel. – Agora tenho que correr. Venho pegar aquela papelada na quarta-feira – acrescentou, dirigindo-se a Parker. – Me dê uma ligada para falar sobre as outras coisas quando resolver. – Ele se levantou e foi até a Sra. G. – Obrigado.

Então lhe deu primeiro um beijo rápido e espontâneo na bochecha. Depois veio o abraço, aquele que sempre fazia o coração de Laurel derreter. Forte, com os olhos fechados, apenas um leve balanço. Os abraços de Del eram *significativos*, pensou ela, e tornavam-no irresistível.

– Pelo menos finja que se comporta – ordenou a Sra. Grady.

– Isso eu sei fazer. Vejo vocês depois.

Ele acenou para o resto do grupo e depois saiu pelos fundos.

– Também é melhor eu ir andando, Sra. G. – disse Jack. – A senhora é a deusa da cozinha. A imperatriz dos epicuristas.

Ela deu uma gargalhada.

- Vá trabalhar.
- Estou indo.
- É melhor eu também me mexer. Vou com você – falou Emma.
- Na verdade, gostaria da sua opinião sobre uma coisa – disse Laurel a Emma antes que ela pudesse se levantar.
- Então tenho que tomar mais café – retrucou ela. Então se virou para ajeitar o nó da gravata de Jack e depois a puxou até que os lábios deles se encontrassem.
- Tchau.
- Vejo você à noite. Passo aqui para deixar aqueles planos revisados, Parker.
- Quando quiser.
- Devo sair? – perguntou Carter quando Jack foi embora.
- Pode ficar, e até dar sua opinião. – Laurel foi buscar rapidamente seu bloco de desenho. – Ontem à noite de repente tive uma ideia para o bolo de casamento.
- Meu bolo? Nosso bolo? – corrigiu Mac em seguida, sorrindo para Carter. – Quero ver! Quero ver!
- Apresentação – disse Laurel, muito séria – é um lema da confeitaria da Votos. Por isso, embora a inspiração para este desenho provenha principalmente da noiva...
- Eu!
- ...também leva em conta o que a desenhista vê como as qualidades que atraem o noivo para a dita noiva, e vice-versa. Então, acho que temos uma combinação de tradicional e não tradicional tanto na forma quanto no sabor. Além disso, a desenhista conhece a noiva há mais de vinte anos e desenvolveu um afeto sincero e profundo pelo noivo. Tudo isso entra no conceito, mas a desenhista garante que quaisquer críticas ao referido conceito serão aceitas com elegância.
- Que papo furado. – Parker revirou os olhos. – Você vai ficar uma fera se a noiva não gostar.
- Mas apenas porque, se ela não gostar, é uma idiota. O que significa que sou amiga de uma idiota há mais de duas décadas.
- Deixe-me ver o maldito desenho.
- Posso ajustar o tamanho assim que você definir sua lista de convidados. O conceito atual serve duzentas pessoas.

Laurel abriu o bloco e ergueu o esboço.

Não precisou ver Mac prender a respiração para saber. A resposta estava na admiração e no prazer que perpassaram o rosto da amiga.

– As cores são bem fiéis ao que seria o resultado final, e você pode ver que eu gostaria de fazer vários tipos de bolo e recheios. O seu de creme italiano, o de chocolate com framboesas que é o favorito de Carter, o bolo branco, talvez com baba de moça. Isso é só um exemplo de como podemos realizar sua fantasia de ter várias amostras de bolo no casamento.

– Se Mac não gostar, eu fico com ele – anunciou Emma.

– Ele não tem a ver com você. É de Mac, se ela quiser. As flores podem ser mudadas para as que você e Emma escolherem para os buquês e arranjos – acrescentou Laurel –, mas eu manteria a paleta de cores. Você não combina com cobertura branca, Mac. Você é colorida.

– Por favor, goste dele – murmurou Mac para Carter.

– Como eu poderia não gostar? É maravilhoso. – Ele olhou de relance para Laurel e abriu um sorriso doce. – Além disso, ouvi falar em chocolate com framboesas. Se isso estiver aberto a votação, tem o meu voto.

– O meu também – completou Emma.

– Acho melhor você esconder esse esboço – disse Parker a Laurel. – Se nossas clientes o virem, começarão a se estapear por esse bolo. Você acertou de primeira, Laurel.

Mac se levantou e se aproximou para pegar o bloco e estudar o desenho.

– A forma, as texturas, as cores... Ah, as fotografias que vamos tirar! O que você levou em conta – acrescentou, desviando o olhar para Laurel.

– É difícil pensar em você sem pensar em fotografias.

– Adorei. Você sabia que eu ia amar. Você me conhece. – Ela pôs os braços ao redor de Laurel, apertou-a com força e depois fez uma dancinha. – Obrigada, obrigada, obrigada.

– Deixe-me dar uma olhada nisso – falou a Sra. Grady.

Ela tirou o bloco da mão de Mac, examinou o esboço com olhos e lábios apertados, então assentiu com a cabeça e fitou Laurel.

– Ótimo trabalho. Agora, todos vocês, fora da minha cozinha.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)